

Gustavo Mariani



DIDA *do fla*



Dida, com Didi e Vavá

APRESENTAÇÃO

Certa vez, um torcedor rubro-negro telefonou-me à procura da segunda parte de um texto sobre Dida, que eu escrevera para o Jornal de Brasília. Durante a conversa, ele contou-me ter assistido as finais do Campeonato Carioca-1955 e tornado-se fã do atacante. E achava uma tremenda bola fora os jornalistas torcedores do Flamengo nunca terem escrito um livro sobre o atleta, do qual ele tornara-se fã.

Chama-se Othon Leonardo, o flamenguista, tem 80 anos de idade e mostrou-se tão agradável no papo que prometi-lhe, se tivesse tempo, fazer o tal livro. Embora não houvesse, praticamente, mais atletas, dirigentes e jornalistas do tempo em que o então camisa 10 da Gávea foi o maior ídolo da torcida do seu clube, não me seria difícil cumprir a promessa, pois havia convivido com ele, que fora treinador do Taguatinga Esporte Clube, em 1976, e me contado a toda a sua vida, transcrita para o JBr.

Juntado todo o material, o restante pesquisei em minhas coleções de Manchete Esportiva e da Revista do Esporte, que seguiram toda a carreira do goleador. Também, peguei com o jornalista Lauhtenay Perdigão o essencial sobre o começo da vida boleira do seu grande amigo nas Alagoas.

Está aí, uns três anos depois da promessa, bola rolando e jogo dedicado ao Othon e ao Lauthenay. Dida em campo!

Gustavo Mariani

Brasília, 07.07.2017

Edição do autor. Direitos autorais reservados

OS CARAS



Maior ídolo da torcida do Flamengo, entre 1955 e 1963, marcando 264 gols, em 357 partidas, o alagoano Edvaldo Alves de Santa Rosa é o segundo maior artilheiro rubro-negro. Só perde para Zico – Arthur Antunes Coimbra –, que passou-lhe à frente, na década-1970. Este, por sinal, contou ao programa “Globo Esporte”, da TV Globo, que o antigo dono da sua camisa 10 fora o seu maior ídolo de infância.

– Isso começou, em 1961, quando o Flamengo foi o campeão do Torneio Rio-São Paulo. Acho que, da primeira vez em que eu fui ao Maracanã, com o meu pai, o Dida fez um gol. O velho era apaixonado pelo futebol dele, bem como os meus irmãos Antunes (Zeca, em casa), Edu e Nando, todos seus fãs, incondicionais. A gente só falava nele e o meu grande sonho era vestir aquela camisa 10 que ele usava”.

Tempos depois, Zico encontrou-se com Dida, na Gávea. Quando o seu ídolo estagiava, com o treinador Carlos Froner, e trabalhava com as categorias de base.

– Eu já era um ídolo, mas tinha muita vergonha de conversar com ele. Às vezes, ficava lá no cantinho, olhando-o, vendo-o trabalhar. Sempre vi o Dida como um cara totalmente diferente na minha história”, relatou Zico sobre o craque que cedeu o seu nome para o Museu dos Esportes, no Estádio Rei Pelé, na alagoana Maceió, onde o seu busto e a sua faixa de campeão do mundo lembram a sua história.

Os 264 gols marcados por Dida para o Flamengo lhe dão a média de 0,74, por partida, melhor do que a Zico – 0,69; 732 e 508 gols. Nesse quesito, Dida fica em quarto lugar, só suplantado por Leônidas da Silva – 1,02; 147 jogos e 151 tentos; Pirillo – 0,86; 237 prélios e 234 comemorações – e Romário – 0,85; 240 confrontos e 204 bolas na rede. Deixa para trás quatro terríveis goleadores: Índio (0,66); Henrique Frade (0,51); Bebeto (0,50) e Zizinho (0,44), o “Mestre Ziza”, eleito melhor jogador da Copa do Mundo-1950 e considerado o maior craque brasileiro pré-Pelé – fez 328 partidas e 145 gols.

EL TANGAÇO

Antes de o Brasil ser campeão do mundo, qualquer time brasileiro que se prezasse teria que escalar um argentino. Eles eram admiradíssimos por aqui e achavam que os “brasucas” rolavam bem a bola, só enrolando-se muito nas conclusões das jogadas. Pensaram assim até verem Dida com bola dominada dentro da pequena área.

Era o 31 de janeiro de 1958 e o Flamengo foi em Buenos Aires enfrentar o Boca Juniors, amistosamente. Apresentou um futebol rápido, insinuante e fez o anfitrião “dançar um tango”, ritmado por um “pagode” na rede: 4 x 1. De quebra, a torcida portenha aplaudiu a rapaziada, de pé, principalmente, o atacante Dida, que balançara a rede, aos 40 minutos do primeiro tempo. O anfitrião tinha um time fortíssimo – Giambartolomei; Cardoso (Rico) e Edwards; Garcia, Ratin (Barberis) e Nardiello; Scialino, Biagio, Ambróis, Rodriguez), Bellomo) e Paródi – e vencê-lo em sua cancha era coisa para heróis – Fernando, Joubert e Pavão; Jadir, Dequinha e Jordan; Joel, Moacir, Henrique, Dida e Zagallo.

MARCO ZERO

A história do goleador Dida começa pelas peladas na Praça da Faculdade, na Maceió de 1946. No ano seguinte, aos 17 anos de idade, ele já estava no time juvenil do América, que revelou muitos jogadores para o futebol alagoano.

Pelo início da década-1950, Dida residia na Rua do Hospital, não muito longe de um campinho sem gramado, do lado da Cadeia Pública, o quartel da Polícia Militar de Alagoas. Vê-lo jogar era a diversão dos detentos, o seu primeiro “fã clube”. Defendendo a equipe do Colégio Diocesano (atual Marista), não deixava dúvidas de que seria um futuro craque. E, com a jaqueta dos juvenis do Monte Castelo, fez ainda mais diabruras.

Um dia, um defensor do time de aspirantes do Centro Sportivo Alagoano, o CSA, apelidado por Penedo, pediu ao treinador Alfredo Ramiro Bastos para dar uma espiada no futebol de um garoto endiabrado que vira, “matando a pau”, durante uma pelada. O “doutor” Alfredo foi conferir, ficou impressionado como os dribles e as jogadas do rapazinho e não perdeu tempo. Ofereceu-lhe vaga em seu clube e ficou mais satisfeito ainda quando Dida disse-lhe que era torcedor do “Cêsiá”, como os alagoanos chamam o clube. Mas deixou claro:

- Preciso falar com os meus pais.
- Como eles se chamam? – indagou o cartola.
- Jaime e Erlinda – informou.
- Pode deixar, que vou falar com eles – avisou o homem.

A princípio, Seu Jaime e Dona Erlinda não simpatizaram

muito com a ideia. Sorte do craquinho Dida, que teve o apoio dos irmãos Luiz e Edson, e a promessa do Doutor Alfredo, de arrumar-lhe um salário, assistência médica, transporte para treinos e jogos, e não prejudicar os seus estudos no Colégio Diocesano. Assim, pelo final de 1951, ele assinou compromisso como atleta amador do clube azulino.

PRIMEIRA CHANCE

Por ter considerado satisfatórios os seus treinamentos iniciais, o CSA relacionou Dida para o amistoso marcado para o 23 de dezembro daquele mesmo 1951, contra o argentino Vélez Sarsfield. Um autêntico presente de Natal.

O prélio foi no campo do CSA, no bairro do Mutange, e terminou 1 x 1, com gols de Milton Mongôlo e Cacau (contra). O árbitro local Augustim Farrapeira apitou e o Cêsiá”, na pronúncia da terra, alinhou: Carijó, Nivaldo Yang Tay e Paulo Mendes (Cacau); Oscarzinho, Zanélio e Euclides; Milton Mongôlo, Biu Cabecinha, Claudinho, Dida (Bemvindo) e Edgar (Cão) – Rugilo (Adamo), Husse e Alegri (Chureschet); Sougli (Rodrigo), Ruiz e Ovide (Garcia); Napoli, Malegni, Costa, Garcia e Manzi eram os visitantes.

Até então, era difícil alguém chegar ao CSA e logo subir ao time principal. Dida não só subiu, como tornou-se campeão e artilheiro da temporada alagoana-1952, marcando 20 gols (ou 18?).

O sucesso rápido daquele atrevido na pequena área fez o treinador Zequito Porto a convoca-lo para o selecionado alagoana que disputaria o Campeonato Brasileiro de Seleções-1952. Dida estreou contra os sergipanos, em 18 de março, em Aracaju, perdendo, por 0 x 2, mas não perdeu o prestígio – o pernambucano Luiz Zago-PE apitou, os gols foram de Essinho e Assum, e o time alagoano teve: Nazário, Cacau e Nivaldo Yang Tay; Oscarzinho, Castelar e Divaldo; Milton Mongôlo, Dida. Laxinha, Claudinho e Pitota (Cão) – Zé de

Gemi, Everaldo e Abecê; Quixabeira, Jaime e Augusto; Assum, Dunga, Valter, Bequinho e Essinho formavam a equipe sergipana.

Em 1954, enfrentando a seleção paraibana, no 3 de janeiro, em Maceió, Dida começou a traçar a sua rota para o futebol carioca. No primeiro tempo, o time das Alagoas perdia, por 1 x 3. Na etapa final, Dida virou o placar, marcando os dois últimos tentos da vitória, por 4 x 3, assistida por uma delegação de voleibol do Flamengo. Todos ficaram encantados com o seu futebol e, dois deles – John e Mary O’Shea –, o procuraram, após a partida, para dizer-lhe que gostariam de vê-lo com a camisa do Flamengo.

De volta ao Rio, o casal O’Shea falou ao presidente rubro-negro, Gilberto Cardoso, sobre o goleador alagoano, mas este gastou dois meses para se decidir. Em março, quando Dida voltava do colégio e entrava em casa, foi surpreendido por uma missão enviada por Gilberto para leva-lo à Gávea.

Além do casal O’Shea, o grupo rubro-negro enviado a Maceió tinha o coronel Maria Lima, o brigadeiro Loyola Daher e a alagoana Rosa Maria Bastos, do time de vôlei flamenguista. Quando Dida leu a carta de Gilberto Cardoso, convidando-o a defender o seu clube, achou aquilo tudo inacreditável. Principalmente, porque a proposta era boa: Cr\$ 4 mil cruzeiros de salário mensal, inicialmente. E, mais uma vez, Dida deixou a decisão por conta de Seu Jaime e de Dona Erlinda.

Nesse ponto, entra em campo a lembrança de um dos maiores amigos do craque, o jornalista Lauthenay Perdigão, segundo o qual Flamengo levou Dida por um valor risível,

hoje: Cr\$ 2 mil cruzeiros. Ele conta mais:

- Rolava papo, pela Praça Deodoro, a da moda na Maceió de então, que o CSA engavetara o dinheiro e os pais do Dida passaram a achar que o Flamengo tivesse desistido do negócio. Foi necessário um amigo da família, o Álvaro Remígio, contatar o presidente Gilberto Cardoso, para saber do que estava ocorrendo. Finalmente, em maio, Dida saiu de Maceió, em avião da Força Aérea Brasileira, acompanhado pelo brigadeiro Loyola. Passou mal na viagem e teve que parar em Salvador, para ser medicado. Estava com icterícia. Preocupado, o brigadeiro queria interná-lo, em hospital baiano, mas Dida não aceitou, foi medicado e seguiu viagem.

As impressões sobre Dida, passadas pelos O'Shea a Gilberto Cardoso, levaram o presidente rubro-negro a hospeda-lo em sua casa. Na época, o time principal excursionava pela Europa e Cardoso não achava conveniente deixar sozinho, em uma turbulenta cidade do Rio de Janeiro, um garoto que jamais saíra de sua casa. Além de hospedá-lo, por três meses, ainda deu-lhe assistência médica.

Enquanto foi hóspede do presidente, Dida treinava, na Gávea, com ex-jogadores, entre eles Nilton Canegal e Aristóbulo Mesquita. Só quando o time A voltou ao Brasil ele foi morar na concentração do clube”, conta Lautenay, acrescentando que, primeiramente, Dida atuou entre os aspirantes.

ROTA DO SUCESSO

O Flamengo estava com uma equipe bem armada, pelo treinador paraguaio Fleitas Solich e fora o campeão carioca-1953 – Garcia, Marinho Rodrigues e Pavão; Servílio, Dequinha e Jordan; Joel Martins, Rubens, Índio, Benitez e Esquerdinha eram as feras. Com esta rapaziada, obteve 21 vitórias, quatro empates e só perdeu duas partidas. Marcou 77 e levou 27 gols, com o excelente saldo de 50 tentos. Dos encarregados de balançar as redes, o também paraguaio Benitez cumpria o seu ofício, por 22 vezes, enquanto Rubens (18), Índio (17), Esquerdinha e Joel (6, cada um), completaram a cota dos homens de frente – os defensores Dequinha (3), Jadir e Servílio (1, cada), também contribuíram, bem como um atacante novato, chamado Evaristo de Macedo e que deixara uma contribuição.

Fleitas Solich estava no Flamengo desde abril de 1953, quando Gilberto Cardoso o contratou, empolgado pelo seu trabalho que levava a seleção paraguaia ao título do Campeonato Sul-Americano, disputado no Peru. Solich não tivera uma boa acolhida por parte de dirigentes que consideravam Flávio Costa o treinador ideal para o clube. E estes aumentaram o desagrado quando o primeiro turno do Estadual terminou e o Flamengo tinha perdido do Fluminense (2 x 3) e do Botafogo (0 x 3), e empatado com o Vasco da Gama (3 x 3). Os contestadores achavam que as goleadas sobre Madureira (4 x 0), Bonsucesso (4 x 0) e Bangu (5 x 0), os mesmos 3 x 1 sobre América e do Olaria não passavam de obrigação. Também,

criticavam o empate com o São Cristóvão (2 x 2) e as difíceis vitórias (ambas por 1 x 0), sobre a Portuguesa da Ilha do Governador e o Canto do Rio. Motivos para questionarem muito o trabalho do “gringo”.

Solich, no entanto, tinha total apoio de Gilberto Cardoso e não deu ouvidos às críticas. Foi mantido no cargo e, aos poucos, acertou o time. No segundo turno, o Flamengo ainda não venceu o Botafogo (1 x 1) e o Vasco da Gama (novo 3 x 3), mas devolveu ao Fluminense o placar (2 x 1) do turno anterior. As goleadas – 7 x 2 Bangu; 5 x 0 Portuguesa; 5 x 0 Madureira e 4 x 0 São Cristóvão –, bem como os triunfos sobre Olaria (3 x 1); Canto do Rio (2 x 1); Bonsucesso (3 x 1) e América (3 x 2) não deixavam dúvidas de que ele não poderia mais ser questionado. Tanto que, no terceiro turno, o seu time não deu chances aos rivais – 2 x 1 Fluminense; 2 x 0 América; 2 x 0 Bangu; 4 x 1 Vasco da Gama e 1 x 0 Botafogo. E carregou o caneco da temporada carioca.

O Flamengo de Solich seria bi, em 1954 – 20 vitórias, cinco empates e duas derrotas, marcando 64 e chorando 25 bolas entradas, com o torneio indo até 27 de fevereiro do ano seguinte. Para tentar ao tri, ele tinha gente nova pedindo passagem. Renovou, mas não mudou muito a bola da rapaziada. E chegou a mais um título – 21 vitórias, dois empates, sete quedas, 41 levados e 87 marcados, dos quais um de Dida colaborou, com 13 “bolas no filó”, com falavam os locutores de rádios da época.

ESTREIA

Dida arreventava jogando pelo time de aspirantes rubro-negros. Fazia o espetáculo. Mas não seria fácil ganhar uma vaga no bem montado time do Flamengo. Sorte dele que Fleitas Solich apostava no seu futebol e o escalou na rodada de 17 de outubro daquele 1954, no Maracanã. O “Clássico dos Milhões” – apitado por Joseph Gulden – seria um duelo que, no mínimo, deixaria qualquer jovem estreante apreensivo. Dida, no entanto, foi para o gramado como se estivesse defendendo o CSA nas Alagoas, e ajudou os rubro-negros a vencerem o Vasco da Gama, por 2 x 1, em sua primeira vez pelo time A – Garcia, Tomires e Pavão; Jadir, Dequinha e Jordan; Joel, Rubens, Índio, Dida e Babá foi a escalação.

Fleitas Solich o escalou em mais dois jogos do Campeonato Carioca-1954, ambos no Maracanã, substituindo Evaristo – 24.10 – Flamengo 0 x 0 Fluminense e 21.11 – Flamengo 2 x 1 Portuguesa, entrando na mesma formação dos pegos contra cruzmaltinos e tricolores, com Zagallo na vaga que fora de Babá nas duas outras partidas. Diante da Portuguesa – arbitragem de Diego de Léo –, Dida marcou o seu único tento nos três compromissos, contribuindo, portanto, com três participações e uma “saída para o abraço” na campanha do bi.

REVELAÇÃO

Com Dida participando de 16 dos 30 jogos do Campeonato Carioca-1955 e despontando como artilheiro, o Flamengo conquistou o primeiro tri da história do Maracanã, inaugurado cinco temporadas antes, para a Copa do Mundo-1950. A disputa teve dois turnos, com 12 times e mais uma outra etapa com seis. Fleitas Solich, que a imprensa considerava um “feiticeiro”, começou a disputa mantendo a base do bi, mas apostando muito nos novatos Dida, Duca, Babá e Paulinho (Paulo de Almeida, que não deve ser confundido com o lateral-direito Paulinho de Almeida, do Vasco da Gama). As cinco primeiras rodadas – Flamengo 3 x 0 Canto do Rio; 5 x 2 Madureira; 4 x 1 Bonsucesso; 5 x 1 Portuguesa e 1 x 0 Botafogo – tiveram Índio e Evaristo formando a dupla de área. Para o sexto compromisso – 11.09.1954 – Flamengo 1 x 2 Fluminense, no Maracanã – arbitragem de Charles William –, o dueto foi trocado para Evaristo e Dida, que jogou bem e manteve a sua escalação para o jogo seguinte – 25.09.1954 – Flamengo 5 x 0 Olaria, na Rua Bariri, o “alçapão” do adversário –, quando marcou dois tentos anotados pelo árbitro João Aguiar – Aníbal, Tomires e Pavão; Servílio, Dequinha e Jordan; Joel Martins, Paulinho, Evaristo, Dida e Zagallo foi a formação que, em ralação ao clássico contra os tricolores, só trocou o goleiro Garcia e o lateral-direito Joubert.

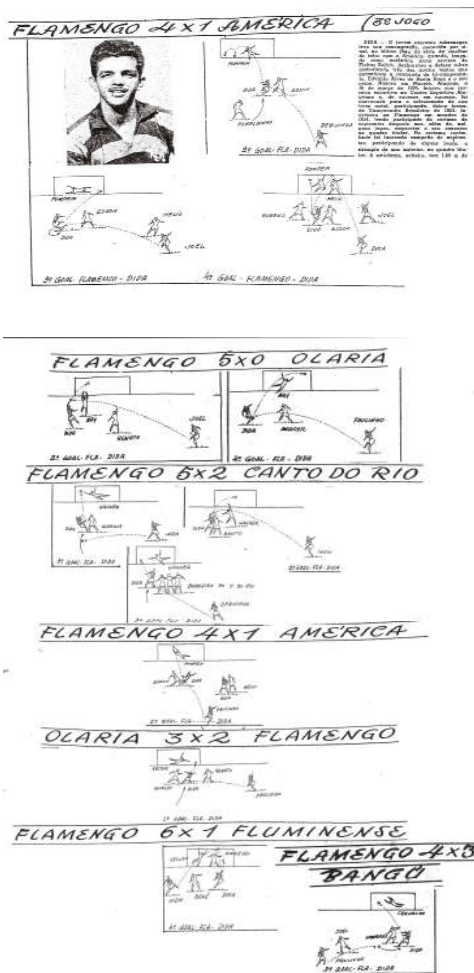
Após os dois compromissos, Dida só voltou a jogar no segundo turno, sendo titular em todas as partidas – Flamengo 2 x 1 São Cristóvão; 5 x 2 Madureira; 5 x 2 Canto do Rio; 4 x

1 América; 2 x 3 Olaria; 6 x 1 Fluminense; 2 x 2 Bangu; 6 x 0 Portuguesa-RJ; 1 x 1 Vasco da Gama; 4 x 0 Bonsucesso e 2 x 1 Botafogo. Marcou gols contra Canto do Rio (3); América (1) e Fluminense (3), que representara um grandioso momento no Maracanã, por ter sido a sua primeira vitória sobre um dos maiores rivais dos rubro-negros. Naquele Fla-Flu, formou dupla de área com Índio, pela quinta vez – Aníbal, Servílio e Pavão; Jadir, Dequinha e Jordan; Joel Martins, Paulinho, Índio, Dida e Zagallo foi o “quadro”, como se falava.

Fleitas Solich manteve a dupla Índio e Dida nas duas primeiras rodadas do terceiro turno – Flamengo 1 x 3 América e 4 x 3 Bangu. A partir da terceira, Evaristo voltou ao time e Dida ficou de fora dos 2 x 3 Fluminense; 2 x 0 Bonsucesso; 1 x 2 Vasco da Gama; 1 x 0 América e 1 x 5 América. Viria, então, a partida que encerraria o Campeonato Carioca-1955, invadindo 1956, já em 4 de abril, no Maracanã, com arbitragem de Mário Vianna. Dida foi o grande nome do jogo, marcando três gols nos 4 x 1 América, que valeram o tri e aplausos do presidente da república, Juscelino Kubitschek, que confessou à imprensa ter torcido pelo time do goleador alagoano. Por sinal, Mário Filho, considerado o maior cronista esportivo já surgido no país, conta em seu livro “Histórias do Flamengo”, ter visto o JK comemorando um dos tentos do Dida, como se fora um rubro-negro fanático, embora se dissesse botafoguense, no Rio de Janeiro, e atleticano, em Minas Gerais – Chamorro, Tomires e Pavão; Servílio, Dequinha e Jordan; Joel Martins, Duca, Evaristo, Dida e Zagallo foi o time.

Dida saiu de campo como herói. Não era para menos.

Tempos depois, a revista semanal carioca “Manchete Esportiva” estampou a sua foto na capa do N° 9, de 21 de janeiro de 1956, considerando-o “maior revelação” da temporada carioca-1955 – demora até aceitável, porque a publicação começara a circular dois meses antes.



AMISTOSOS

Atualmente, os calendários apertam os clubes e estes, dificilmente, encontram datas vagas para excursões dentro e fora do país. Ficam presos às disputas nacionais e continentais. Dida disputou o seu primeiro amistoso com a camisa rubro-negra em 20 de março de 1955, marcando dois gols, aos 72 e aos 79 minutos do jogo em que o Flamengo goleou o Goytacaz, em Campos, por 5 x 1. Ele, a princípio, ficou no banco dos reservas, tendo atuado por formação: Garcia, Tomires e Pavão; Servílio, Luís Roberto e Jadir; Paulinho, Duca (Vermelho), Henrique, Evaristo (Dida) e Zagallo.

Três temporadas depois, por causa destes tais amistosos, já campeão mundial, pela Seleção Brasileira, Dida teve um grande problema com o Flamengo, viveu um momento difícil, que o fez queixar-se à Revista do Esporte, estampado em manchete: “Fui jogado fora pelo Flamengo”.

Tudo começou após 11 jogos e 9 gols, além de outros anulados, durante uma excursão europeia. Desligado da delegação flamenguista e mandado de volta ao Rio de Janeiro, Dida apresentou a sua versão pelo N° 225 da semanária, de 29.06.1963. Dizia: “...fui aproveitar uma tarde (de folga), em Paris...com umas garotas, divertindo-me a valer...sem nunca me exceder...Quando voltei ao hotel, reencontrei os colegas já sentados à mesa para o jantar...Não vi a mulher do...(treinador) Flávio Costa sentado às minhas costas. Falei alto e ela ouviu uma inconveniência...Fiquei conversando (à entrada do hotel), com o (meia) Gérson e o jornalista Álvaro Queirós sobre um

tema...comunismo...No dia seguinte, o (dirigente) Aristóbulo (Mesquita) disse-me que eu estava fora da delegação e pediu-me meu passaporte. Viajei no primeiro avião para o Rio (de Janeiro). E o Aristóbulo falou que o Flamengo cobraria de mim a passagem de volta”.

Amado pela torcida rubro-negra, Dida tinha dois desafetos na crônica esportiva: os comentaristas de rádio Leônidas da Silva, antigo craque e artilheiro da Copa do Mundo-1938, e Benjamin Wright. Ao primeiro, acusava de ter encaminhado o final do seu ciclo na Seleção Brasileira, com os seus comentários durante a Copa do Mundo da Suécia; do segundo, queixava-se de ter atacado a vida privada do cidadão Edwaldo Alves da Santa Rosa, em vez de criticar, tecnicamente, o atleta. “...devo satisfações à torcida...não preciso de acusações...para saber se estou bem ou mal”, reagiu, simultaneamente, assegurando ter futebol para mais umas quatro temporadas – estava há nove na Gávea, explicando assim a longevidade: “...não pode jogador bom sem o incentivo e o prestígio da diretoria”. Nesse ponto, enaltecia o presidente Gilberto Cardoso, “...o mais fanático torcedor que já teve o Flamengo...sabia tratar tão bem a um novato como a um ‘cobra’ do time”.

Com quase uma década no Flamengo e sendo o seu maior ídolo, Dida revelava ter patrimônio (alguns imóveis) suficiente apenas para não passar fome. Ao pendurar as chuteiras, tentou ser treinador, mas não emplacou nessa.

GRANDES RIVAIS

Dida enfrentou o Vasco da Gama, pela primeira vez, em 17 de outubro de 1954, no Maracanã, valendo pelo Campeonato Carioca. O ataque escalado pelo treinador Fleitas Solich foi Joel, Rubens, Índio, Dida e Babá, e ele não marcou gol na vitória, por 2 x 1, mesmo placar do reencontro, em 7 de maio de 1955, pelo Torneio Rio-São Paulo, entrando no decorrer da partida, substituindo o ponteiro-esquerdo Esquerdinha. Ainda não marcando diante do “rivalação”.

No terceiro pega, 1 x 1, em 22 de janeiro de 1956, valeu pelo Estadual-1955, Dida seguiu sem balançar a rede vascaína. Só foi abrir o seu saco de maldades nos 4 x 1, de 6 de outubro de 1957, pela mesma competição, marcando três gols, em seu maior castigo aos vascaínos – Ari, Joubert e Pavão; Jadir, Milton Copolillo e Jordan; Joel, Moacir, Henrique, Dida e Zagalo foram os comparsas.

Se uma golada por 4 x 1 já era ótima, melhor, ainda, o Flamengo repetir o placar, em 15 de dezembro, no último duelo contra os vascaínos, em 1957, pelo Estadual. E Dida deixou mais um na rede balanceada – Fernando, Joubert e Pavão; Jadir, Dequinha e Jordan; Joel, Moacir, Henrique, Dida e Zagalo foi o time do treinador Fleitas Solich – antes, em 14 de setembro, Dida havia afundado o “Almirante” durante uma outra batalha, 1 x 0, pelo Estadual.

O estoque de gols do artilheiro rubro-negro, no entanto, pareceu se esgotar diante dos cruzmaltinos, dali por diante. Só foi reutilizado em 5 de julho, durante o Torneio Início do

Campeonato Carioca-1959, em Fla 1 x 0, eliminando o rival. E fim de papo na rede.

FLUMINENSE - Dida perdeu, por 1 X 2, o primeiro jogo disputado contra os tricolores, em 11 de setembro de 1955, pelo Campeonato Carioca. Mas descontou, com sobras, no segundo encontro: Flamengo 6 X 1, em 18 de dezembro da mesma temporada, diante de 64.304 pagantes, no mesmo estádio e pela mesma competição. Marcou dois gols no jogo apitado por Harry Davis e em que os rubro-negros – Aníbal, Servílio e Pavão; Jadir, Dequinha e Jordan; Joel, Paulinho, Índio, Dida e Zagallo – entusiasmaram o treinador Fleitas Solich: “Hoje, os meninos acertaram, em cheio”, disse o paraguaio à revista “Manche Esportiva, de 24 de dezembro. Solich, no vestiário, onde o dirigente Fadel Fadel lamentava por o ex-presidente Gilberto Cardoso não estar mais vivo para ter presenciado o estrago. De sua parte, Dida abraçava Paulinho, autor de três tentos, e dizia-lhe: “ Tás co’a cachorra, hein velhinho! Que freguezão do Veludo, não é?”.

Clássico entre os dois rivais não costumavam ter placares tão dilatados, devido ao equilíbrio de forças entre os preliantes, ainda mais porque o Fluminense do dia tinha atletas consagrados, como goleiro Veludo, o zagueiro Pinheiro, o meia Didi e os atacantes Telê Santana, Valdo e Ecurinho – todos vestiram a camisa da Seleção Brasileira. Mas aconteceu e, dali a mais 13 jogos do Estadual, o Flamengo conquistaria o tricampeonato.

O Fluminense, no entanto, vingou-se no jogo seguinte, com Dida em campo: 3 x 1, em 8 de setembro de 1957. Mas levou

um gol do alagoano, que descansou as malhas tricolores, até os 2 x 1 de 27 de setembro de 1958, pelo Carioca. E reabriu os trabalhos, nos 2 x 0, de 23 de abril de 1959, pelo Torneio Rio-São Paulo, batendo uma vez no filô.

A partir disso, Dida levou mais de dois anos sem castigar as redes tricolores, o que só voltou a acontecer, em 20 de agosto de 1961, pelo Estadual. Descontou o tempo perdido, porém, em 2 de dezembro, pelo mesmo torneio, marcando três vezes, nos 4 x 1. Em 29 de julho de 1962, levou a vitória, por 1 x 0, para a Gávea, e fez mais um nos 2 x 0, de 14 de março, pelo Torneio Rio-São Paulo-1963, o seu último gol rubro-negro contra os tricolores.

BOTAFOGO – O duelo Dida x Garrincha é um dos destaques do clássico entre rubro-negros e alvinegros. O primeiro foi em Flamengo 2 x 1 Botafogo, em 4 de fevereiro de 1956, no Maracanã, valendo pelo Campeonato Carioca-1955. Dida, formando dupla fatal com Índio, não marcou, bem como Mané Garrincha, que tinha do seu lado craques como Nilton Santos e Paulinho Valentim. Na boca do túnel das duas equipes, dois mestres: o rubro-negro e paraguaio Fleitas Soliche e o alvinegro Zezé Moreira.

Em 1º de setembro de 1957, os dois voltaram a se encontrar, pelo primeiro turno do mesmo Carioca. E ficaram em cima do muro: 3 x 3. Os dois times eram fortíssimos, com os rubro-negros reunindo Pavão, Jadir, Dequinha, Jordan atrás, e um poderoso ataque com Joel, Moacir, Henrique Dida e Zagallo. De sua parte, os alvinegros tinham Garrincha do lado gente de alto nível técnico, como Paulo Valentim, Didi

e Quarentinha, no ataque, e Nílton Santos na defesa. Naquele empate, só Dida foi à rede, da mesma forma que no 1 x 1 do retorno, em 17 de novembro e nos 4 x 0 do Torneio Rio-São Paulo-1958, em 20 de março.

O quarto Dida x Garrincha teve algo incomum: Flamengo 4 x 0, placar difícil de acontecer no clássico, e o zagueiro alvinegro Tomé marcando dois gols contra, um deles na última bola do jogo. De sua parte, Dida bateu no filó. Em 20 de março de 1958.

Como campeões mundiais, na Suécia, Dida e Garrincha se encontraram, pela primeira vez, durante o turno do Campeonato Carioca-1958, em 30 de agosto, ficando nos 2 x 2.

Daquela vez, quem foi à rede foi o Mané. E se pegaram, pelas duas últimas vezes, em 1958, com Dida marcando um gol, em Flamengo 2 x 3 Botafogo, de 9 de novembro, e mais um, em Flamengo 2 x 1, do 27 de dezembro – vale lembra que os dois times só jogavam pelo Campeonato Carioca e o Torneio Rio-São Paulo.

Em 1959, a temporada de duelos Dida x Garrincha começou como terminou, em 1958, em placar e goleadores: Fla 2 x 1 e Dida 1 x 0 Garrincha. Em 7 de maio, novo gol de Dida, em Flamengo 3 x 2, pelo Torneio Rio São Paulo, mas sem encarar Garrincha. Por aqui houve um hiato de gols deles no clássico, até 1º de março de 1962, quando Dida (2) e Garrincha (1) levantaram a torcida dos Fla 3 x 2, pelo Torneio Rio-São Paulo. Por rivais cariocas, a história foi esta. Dida e Garrincha se encontraram, também, do mesmo lado, defendendo a Seleção Brasileira que foi buscar o “caneco” na Suécia. Não

chegaram a “canarilhar” juntos, o que só aconteceu em 29 de junho de 1960, durante o amistoso Brasil 4 x 0 Chile, no Maracanã – Dida abriu o placar, aos 26 minutos, e o “Torto” passou em branco – Garrincha, Vavá (Valdo), Dida (Delém) e Zagallo foi o ataque escalado por Vicente Feola.

ELOGIOS DO MESTRE

O treinador Zezé Moreira, que dirigira a Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo-1954, na Suíça, encantava-se com Dida. Pelo Nº 103 de Manchete Esportiva, de 9 de novembro de 1957, ele rasgou-lhe elogios, apontando-o como o melhor do Campeonato Carioca, dentro de uma temporada em que haviam desfilados carques indiscutíveis, como os botafoguenses Garrincha, Didi e Nilton Santos, e os tricolores Telê Santana e Valdo, entre outros. Sobre Dida declarou: “Pela coragem, autoridade, agressividade, pique e visão de gol, este rapazinho impressiona a qualquer um...merece um lugar no ‘scratch’ que jogará o Mundial (de 1958) na Suécia...Jogadores assim é que projetam o nosso futebol” – Castilho (Flu), Paulinho de Almeida (Vsc), Bellini (Vsc), Cacá (Bota, Nilton Santos (Bota), Garrincha (Bota), Didi (Bota), Valdo (Flu) Dida (Fla) e Zagallo (Fla) foram apontados por Zezé como a seleção do Estadual-1957.

Também, Nélson Rodrigues, pela sua semanal crônica “O Meu Personagem da Semana”, uma das mais importantes do jornalismo esportivo brasileiro da época, rasgou elogios a Dida. Pelo Nº 99, de 12 de outubro de 1957, deslumbrado com a atuação do atacante, autor de três gols, em Flamengo 4 x 1 Vasco da Gama, seis dias antes, pelo primeiro turno do Campeonato Carioca, ele escreveu: “...é um monstro...um dos mais formidáveis jogadores do Brasil”, classificou, marcando o seu rumo da glória quando o treinador Fleitas Solich o tirou do time aspirante flamenguistas e o lançou no clássico de 17

de outubro daquele 1954, contra os vascaínos, quando ele foi decisivo na vitória, por 2 x 1. “A partir de então, Dida arremessou-se para o sucesso e ninguém o segurou mais, nunca mais”.

De volta aos Fla 4 x 1 Vasco, Nélson escancarou: “Eu respeito muito o craque que, num cotejo de tal importância, dá-se ao luxo de fazer três gols...Observando suas arrancadas, seus deslocamentos fulminantes, suas intuições luminosíssimas, eu imaginei um ‘scratch’ brasileiro formado por onze Didas, isto é, onde jogadores com a mesma agilidade, o mesmo dinamismo, a mesma flama, a mesma garra”.

Nélson Rodrigues via em Dida características que o tornavam imarcável, dono de um futebol tão veloz que fazia lembrar um coelhinho de desenho animado correndo em campo. Naqueles Fla 2 x 1 Vasco, apitado por Antônio Viug, Dida foi à rede, aos 27, aos 37 e aos 60 minutos, enfrentando uma das melhores defensivas do futebol nacional, escalada pelo treinador Martim Francisco com: Carlos Alberto Cavalheiro, Paulinho de Almeida e Bellini; Laerte, Orlando e Coronel.

Sobre o último gol do atacante, Nélson fez questão de relembrar, classificando-o de “show extra”, e o descreveu, afirmando que que Paulinho de Almeida, muito atrás, dava condições de jogo, enquanto Dida lutava contra a marcação. “Após bater Bellini, Dida coloca a bola de maneira genialíssima, em folha seca”, ou seja, imprimindo uma curva à trajetória da pelota.

Por uma edição anterior – Nº 42, de 8 de setembro de 1956 –, Manchete Esportiva havia rasgado elogios ao atleta

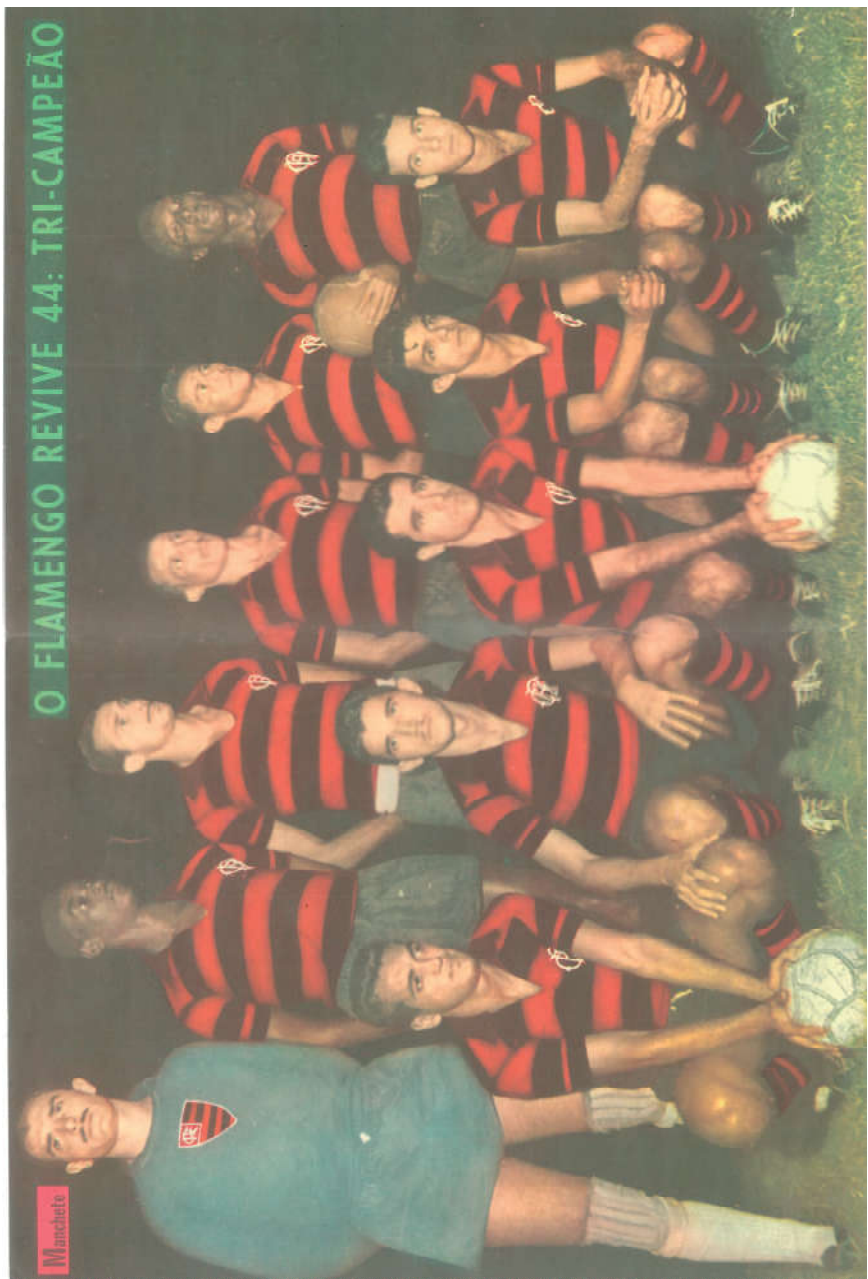
rubro-negro, colocando em manchete: “O Fenomenal Dida”. Analisava a atuação do craque nos 2 x 0 Bangu, de 1º de setembro de 1956, pelo primeiro turno do Estadual, considerando que ele fora “dinâmico, incisivo e quase diabólico nas suas deslocações...conquistou um gol espetacular e não cessou de ameaçar o arco do adversário”.

Os banguenses que sofreram com Dida, incluíam craques indiscutíveis, como o meia Zizinho, o melhor jogador da Copa do Mundo-1950; o zagueiro Zózimo, que seria campeão mundial-1958, como reserva, e bi-1962, jogando; o atacante Décio Esteves, que chegou à Seleção Brasileira, e o pontadireita Calazans – Chamorro, Tomirez e Pavão; Servílio, Dequinha e Jordan; Joel, Duca, Dida, Evaristo e Zagallo foi o Flamengo do técnico Fleitas Solich.

ÁLBUM

Lugar de artilheiro é na pequena área, balançando a rede, no grito da torcida e estampado pelas capas de revistas. Lugar certinho para Dida.





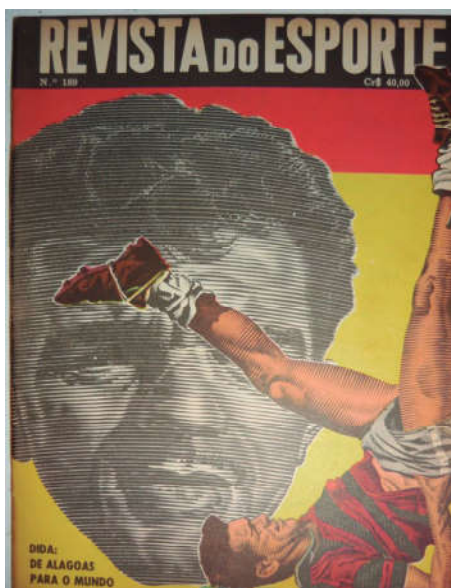
Chamorro, Servílio, Pavão, Tomires, Dequinha e Jordan, em pé, da esquerda para a direita; Joel, Duca, Evaristo, Dida e Zagallo, agachados, na mesma ordem, em 1955.

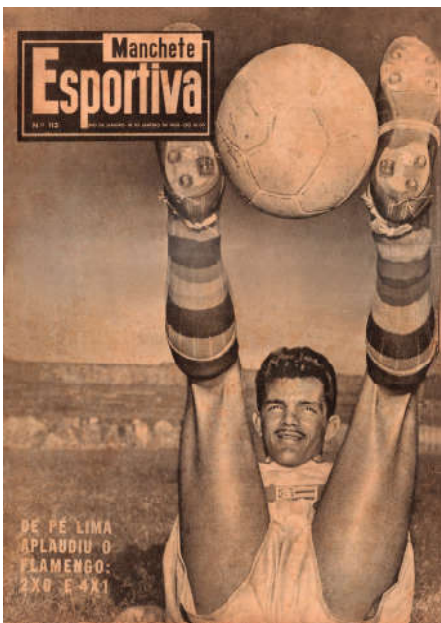


Joubert, Ari, Bolero, Jadir, Carlinhos e Jordan, em pé, da esquerda para a direita;
Joel, Gérson, Henrique, Dida e Babá, agachados, na mesma ordem, em 1961.



De Sordi, Dino Sani, Bellini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar, em pé, da esquerda para a direita; Mário Américo (massagista), Joel, Didi, Mazzola, Dida e Zagallo, agachados, na mesma ordem, foi o time brasileiro do primeiro jogo na Copa do Mundo-1958.





MARCADO PELOS BROTINHOS

Aos 23 anos de idade – nasceu, em 26 de março de 1934, na alagoana Maceió –, Dida era um moço muito tranquilo para a fama que tinha. Os brotos congestionavam a linha telefônica do Flamengo, mas ele não se empolgava. Nada de se amarrar, tão cedo. Primeiramente, pensava em comprar o seu apartamento. O carro ficaria para depois. Só se agitava quando ouvia um frevo. Sacudia o esqueleto, até a música parar. Mas preferia as festinha particulares aos “dancings” da moda. Em casa de amigos, tinha a certeza de encontrar bons papos, escapar de assédios agressivos de fãs.

Dida jogava por um Flamengo em que só dois atletas – o goleiro Ari e o zagueiro Joubert – não interessavam à Seleção Brasileira. Os demais titulares do treinador paraguaio Fleitas Solich, em 1957 – Pavão, Jadir, Dequinha, Jordan, Joel Martins, Moacir, Henrique Frade e Zagallo – eram o que de melhor havia na época.

Para Manchete Esportiva, Dida era uma “autêntica joia à disposição do futebol brasileiro, “que precisa de novos craques para o Mundial de 1958”. Seus redatores ainda o viam como “o menino Dida”, tratavam-no por “artilheiríssimo” e o consideravam “craque para resolver em qualquer campo, contra qualquer adversário”.

Pelo final da temporada-1957, pelo N° 109, de 21 de dezembro, Manchete Esportiva aumentava os elogios a Dida, considerando-o “qualquer coisa de espetacular” e afirmando que ele, “das últimas safras do futebol brasileiro”, juntamente

com Pelé e Mazzolla, era o que mais prometia para o futebol de amanhã, Cobrava-lhe, porém, maturidade e experiência. De sua parte, Dida respondia à revista: “Realmente, há algum tempo, o meu jogo vem sendo uniforme. Os progressos...são muito mais sob o prisma da experiência. Continua combativo... entretanto não brigo mais estupidamente, como brigava. Hoje, vou na bola dando tudo, mas dentro da precaução”.

Nesse ponto, lembrava de lesão sofrida, por esticar uma das pernas, mais do que podia, para evitar uma cobrança de lateral no meio do campo, o que terminou deixando-o mais de um mês em tratamento médico. “Não se deve confundir experiência com covardia” filosofava, fazendo questão de deixar claro: “Continuo lutando. Dentro da área estou lá. Em bola dividida, não acredito (‘acredito’ significava crer na importância do lance) ...neste ano, embora artilheiro, não me contundi tanto ...Já perdi duas chances de participar do escrete brasileiro (seleção) por causa de contusões. Cheguei a ser convocado, mas não passei (foi reprovado) nos exames (médicos e de testes físicos)”, lembrou do que lhe ocorrera às vésperas do Campeonato Sul-Americano e da Copa Roca (disputada contra a Argentina).

Dida imaginava um selecionado nacional mesclado pela categoria e o temperamento dos convocados. Não concordava que se dessem prioridade à base, defendendo que os treinos definiriam os titulares. Ele escalaria jogadores “valentes” (viris) na defesa, mais experientes pela intermediária e “um ou dois ‘cobras’ para comandar a velocidade nos novos no ataque”.

Ao mesmo tempo em que defendia tal postura, Dida não

sentia-se plenamente capaz de escalar um selecionado brasileiro, por não estar assistindo aos jogos paulistas. Preferia balizar-se pelo comentários de cronistas, amigos e de torcedores. Mas convocaria: Gilmar e Castilho (goleiros); Djalma Santos, Jadir, Bellini, Pavão, Nilton Santos e Altair (defensores); Garrincha, Didi, Pelé, Mazzola, Valdo, Canhoteiro e Escurinho (na frente), deixando-o de fora, embora avisando estar de olho em uma vaga para no Mundial-1958.

Dida foi à Suécia e voltou prejudicado por comentários maldosos de cronistas esportivos, dizendo que ele tremera no jogo da estreia canarina na Copa do Mundo – Brasil 3 x 0 Áustria, em 8 de junho, no Estádio de Rimmersvallen, em Uddevalla. Realmente, ele não jogou tudo o que poderia, devido a uma lesão, mas a Confederação Brasileira de Futebol negou os boatos, pelo seu site. O colega Zagallo também refutou as acusações e o melhor jogador daquele Mundial, o meia Didi, contou ao historiador alagoano Lauternay Perdigão ter recomendado a Dida cuidar bem da contusão. À “Manchete Esportiva”, Didi fez outros elogios ao craque, afirmando ter ele fora importantíssimo dentro do papel tático lhe entregue para enfrentar os austríacos. “Se Dida não se mexesse tanto lá na frente”, o jogo seria mais complicado”, garantiu.

O selecionado canarinho viajou para a Itália e fez amistosos contra a Fiorentina (29.05.1958) e a Internazionale (01.06.1958), vencendo os dois pelo mesmo placar de 4 x 0. Com Pelé cuidando de uma lesão muito pior do que a sua, Dida começou como titular durante o primeiro amistoso. Depois, foi substituído por Vavá. Para o segundo jogo do Mundial –

Brasil 0 x 0 Inglaterra – foi barrado pelo treinador Vicente Feola, não por motivo técnico, mas porque a pancada no peito do pé direito o fazia não suportar bater na bola.

Em seu livro, *O Vermelho e o Negro*, lançado pela Editora Schwarcz, em 2012, o pesquisador Ruy Castro, lembra à página 120: “Hoje, para os que nunca o viram jogar, pode parecer absurdo que Dida fosse titular e Pelé, reserva. Mas, na época, não havia nenhum absurdo...Dida, aos 24 anos (de idade), já era completamente Dida. E Pelé, aos 17, ainda não era completamente Pelé”.

Sobre a lesão sofrida pelo goleador rubro-negro, ele escreve: “Assim como Pelé, Dida chegara à Suécia contundido. Basta consultar as coleções de jornais da semana anterior ao jogo contra a Áustria: todos falam da sua contusão e de como sua presença era dúvida até a véspera. Dida entrou no sacrifício (na verdade, exigiu ser escalado), com uma bota de esparadrapo no pé direito – está tudo lá, no noticiário, para quem quiser ver. Nessas condições, não poderia jogar nem metade do que jogava pelo Flamengo e já jogara pela própria Seleção Brasileira” Ruy Castro cita, também, o testemunho do meia Didi ao jornalista alagoano Lauternay Perdigão, desta vez, reproduzindo entrevista ao repórter Ronaldo Bôscoli, de *Manchete Esportiva*, em que só a construção da frase muda: “Se Dida não se mexesse tanto lá na frente, não teria saído nosso gol contra a Áustria – reproduz, também, a lembrança do meia-armador à bota de esparadrapo usada pelo companheiro.

Ruy Castro, autor, também, de uma biografia sobre Garrincha e da história da Bossa Nova, conta mais sobre Dida,

revelando que o atacante marcou gols de todos os tipos: “... de direita, de canhota, de cabeça, de letra (sua especialidade), de calcanhar, de peito de pé e até de bunda. Seu controle de bola em alta velocidade, sua movimentação na área, seu senso de oportunidade, sua impulsão nas disputas pelo alto e seu chute com os dois pés eram um terror para qualquer defesa. Dida foi o maior ídolo do Flamengo, entre 1955 e 1963”, acentua, registrando os 244 gols rubro-negros do atleta, em 350 partidas.

Embora Dida tivesse voltado da Suécia enfrentando comentários inverídicos e maldosos, ele comprovou a falsidade dos críticos, sendo convocado para dois amistosos da Seleção Brasileira, em 1960. Ele concordava ter caído de produção no Flamengo, depois do Mundial, abatido pelas acusações, mas voltou a jogar o bom futebol que o consagrara.

O cronista Lauthenay Perdigão nunca se esquece dos tempos em que via Dida passando pelos adversários “até com facilidade, mesmo sofrendo com o seu físico franzino, do que se aproveitavam, principalmente, os zagueiros”. Para ele, Dida só não teve maior sucesso já durante a convocação de 1956 devido uma lesão. Ele defende que o atleta poderia ter jogado junto no ataque canarinho com Pelé e Garrincha, lembrando que, durante a Copa do Mundo-1970, o treinador Mário Jorge Lobo Zagallo escalou craques da mesma posição, casos de Rivellino, Pelé e Tostão. Só que Vicente Feola não pensava assim, em 1958, querendo especialistas em cada setor.

CANARINHO

Dida disputou oito jogos pela Seleção Brasileira, com sete vitórias e empate e cinco gols marcados. Para a FIFA, merece o cunho de oficial apenas a partida contra a Áustria – Gilmar, De Sordi e Bellini; Orlando e Nilton Santos; Dino Sani e Didi; Joel, Mazzola, Dida e Zagallo foi o time –, valendo pela Copa do Mundo, na Suécia, ante 21 mil pagantes, apitado pelo francês Maurice Guigue e com gols marcados Mazzola (2) e Nilton Santos. Assim, a sua participação em dois jogos, contra o Paraguai, que valeram ao Brasil a conquistas da Taça Oswaldo Cruz, fica no rol dos amistosos.

A estreia canarinha do alagoano Edvaldo Alves de Santa Rosa, que viveu até 17 de dezembro de 2002, foi em 4 de maio de 1958, marcando um gol nos 5 x 1 Paraguai, no Maracanã, apitado por Alberto da Gama Malcher – Gilmar, De Sordi e Bellini; Zózimo e Oreco: Dino Sani e Didi; Joel Martins, Vavá, Dida (Pelé) e Zagallo. Como se observa, o treinador Vicente Feola deixou Pelé no banco dos reservas, para Dida jogar, se bem que Pelé ainda era “uma risonha promessa”, como o considerou um álbum de figurinhas.

Três dias depois, no paulistano Pacaembu, sob apito do paraguaio Wenceslau Zarate e diante de 25 mil pagantes, Dida voltou a ser titular, e Pelé nem entrou em campo, daquela vez, quando o placar ficou no 0 x 0 – Gilmar, De Sordi e Bellini; Zózimo e Oreco; Dino Sani e Didi (Moacir); Joel Martins, Vavá, Dida e Zagallo foi a formação – e a rapaziada carregou o primeiro caneco em 1958.

Passado uma semana, em 14 de maio, com o selecionado nacional voltando ao Maracanã e com apito do uruguaio Esteban Marino, Dida iniciou uma outra partida e Pelé entrar no decorrer dela. Aos 20 minutos, ele fez a torcida do Flamengo vibrar, abrindo o placar do amistoso Brasil 4 x 0 Bulgária – Moacir (2) e Joel Martins, todos rubro-negros, completaram a contagem – Castilho, De Sordi e Mauro Ramos; Zózimo e Nilton Santos; Zito e Moacir: Joel, Mazzola, Dida (Pelé) e Zagallo foi a escalação.

A próxima partida canarina de Dida já foi na Itália, às vésperas da Copa da Suécia. Em 29 de maio, ele entrou nos 4 x 0 Fiorentina, no Estádio Artemio Franchi, em Firenzi, diante de 12.317 pagantes. O italiano Mauro Maurelli apitou, Dida não foi às redes e o time alinhou: Gilmar, De Sordi Djalma Santos e Bellini; Orlando e Nilton Santos; Dino Sani e Didi; Garrincha, Mazzola (Moacir) Dida (Vavá) e Pepe.

Houve mais um amistoso, em 1º de junho – Brasil 4 x Internazionale, no Estádio Giuseppe Meazza, em Milão, prestigiado por 21.305 pagantes. Dida marcou gol, aos 341 minutos, e a equipe teve: Castilho, Djalma Santos e Bellini; Orlando e Nilton Santos (Oreco); Dino Sani e Didi; Joel Martins, Mazzola, Dida (Vavá) e Pepe (Zagallo) – Pelé seguia fazendo tratamento para livrar-se de lesão em um dos joelhos.

Após a Copa do Mundo-1958, Dida foi convocado para mais dois jogos canarinho, contra chilenos e paraguaios. Em 29 de junho de 1960, amistosamente, no Maracanã, abriu o placar, aos 26 minutos de Brasil 4 x 0 Chile, diante de 51 mil pagantes. Vicente Feola ainda era o treinador e escalou:

Gilmar, Djalma Santos e Bellini; Orlando e Nílton Santos; Écio (Zequinha) e Chinesinho; Garrincha, Vavá (Valdo), Dida (Delém) e Zagallo. Em relação ao time campeão do mundo, as novidades eram os vascaínos Écio e Delém; os palmeirenses Zequinha e Chinesinho, e o artilheiro do Fluminense, Valdo. De sua parte, Vavá já era defensor do espanhol Atlético de Madrid.

Na despedida da camisa canarinha, exatamente um ano depois, e em novo amistoso no Maracanã, em 29 de junho de 1961, Dida voltou a balançar a rede, em Brasil 3 x 2 Paraguai, diante de 45 mil pagantes.

Na oportunidade, a CBD armou um escrete com base em Flamengo, campeão do Torneio Rio-São Paulo, e Palmeiras. Os paraguaios abriram o placar, mas os “brasucas” viraram, em jornada de glória do ataque rubro-negro – Joel empatou, Dida virou, aos 63 minutos, e Henrique Frade fazer o terceiro. Em seu tento, Dida pegou de primeira, uma centrada de bola por Henrique. Lindo gol, que ele não pode comemorar muito, pois sentiu uma contusão e foi substituído pelo palmeirense Zeola, seis minutos após balançar a rede.

O treinador canarinho já era Aymoré Moreira e a equipe teve: Gilmar, Djalma Santos e Waldemar Carabina; Jadir (Al-demar) e Ari Clemente; Zequinha e Chinesinho; Joel Martins, Henrique Frade, Dida e Babá

TÍTULOS RUBRO-NEGROS

Além da faixa de campeão carioca-1955, na categoria principal, Dida levou, também, a dos aspirantes-1955/1956. Pelo time principal, esteve presente à conquista de várias disputas de curta duração, tendo o primeiro sido o Torneio Internacional Gilberto Cardoso, um quadrangular homenageando o ex-presidente flamenguista, envolvendo o Vasco da Gama e os argentinos Independiente e Racing.

Com todos os jogos no Maracanã, na primeira rodada, em 27 de dezembro de 1955, os vascaínos levaram 4 x 1 do Independiente, enquanto o Flamengo 2 x 1 Racing teve com Dida, aos 33 minutos, marcando um dos gols da vitória deste time: Chamorro, Leone (Jorge Davi) e Servílio; Jadir, Dequinha e Jordan; Joel (Milton), Duca, Dida, Esquerdinha (Babá) e Zagallo – arbitragem de Charales William.

Três dias depois, com o Vasco da Gama 3 x 2 Racing, o Flamengo 3 x 0 Independiente valeu título aos rubro-negros, com Dida, aos 79 minutos, comparecendo ao placar do jogo apitado por Harry Davis e time teve esta formação campeã: Chamorro (Aníbal), Leone e Servílio; Jadir, Dequinha e Jordan; Milton Bororó, Duca, Henrique, Dida e Babá.

A próxima ajuda de Dida às prateleiras de troféus rubro-negros fez parte de um velho costume brasileiro: oferecer um “caneco” ao vencedor uma partida que eternizava o nome do patrocinador. Caso a Taça Ponto Frio Bonzão, pelos 6 x 4 Honved, no Maracanã, em 19 de janeiro de 1957, com um gol de Dida, aos 69 minutos.

Por aquela época, o Honved, por alinhar o melhor time de futebol do planeta, base da seleção húngara que maravilhou todas as torcidas durante a Copa do Mundo-1954, na Suíça, era capaz de fazer torcedores carioca formarem uma multidão para vê-los chegando ao aeroporto do Galeão –, em 14 de janeiro daquele 1957. Na estreia, o time de Puskas, Kocsis, Lantos, Grocsis e Czibor, entre outros, levou 113.629 almas ao estádio, com uma delas sendo a do presidente da república, Juscelino Kubitschek, que vibrou com a saga nacional.

No dia 26, o Honved devolveu os 6 x 4, com Dida voltando a marcar um gol, aos 81 minutos. Em 2 de fevereiro, houve o terceiro, com 3 x 2 para os húngaros, sem gol de Dida. Os três compromissos foram no Maracanã, todos apitados por Mário Vianna e considerados o “fato do ano” no futebol brasileiro – ver mais sobre o Honved, em “Dida e os astros da galáxia”.

Em 1959, entre os dias 23 de janeiro e 6 de fevereiro, enquanto os brasileiros estavam ligados no Carnaval, Dida disputava o Torneio Hexagonal de Lima, no Peru, uma disputa na qual ele voltou campeão, mas sem marcar gols – 0 x 2 Peñarol-URU; 2 x 0 Universitário-PER; 4 x 2 Colo-Colo-CHI; 4 x 1 River Plate-ARG e 4 x 3 Alianza-PER foram os placares deste time-base: Fernando, Joubert e Milton Compollillo (Pavão); Jadir, Dequinha e Jordan; Luís Carlos, Moacir, Henrique, Dida e Babá – também jogaram, Bolero, Pavão, Othon e Manuelzinho.

Na volta da excursão peruana, o Flamengo disputou o Torneio Rio-São Paulo, sem título, mas compensando com a conquista do Torneio Início do Campeonato Carioca-1959,

disputado na tarde de 5 de julho, no Maracanã.

Nessa nova campanha – Flamengo 1 x 0 São Cristóvão; 1 x 0 Vasco da Gama e 4 x 2 Madureira –, o time teve uma só formação - Mauro, Joubert e Santana; Jadir; Dequinha e Jordan; Oton, Adalberto, Luís Carlos, Dida e Babá – e Dida marcou só um tento, aos 7 minutos do encontro com os vascaínos.

CAMPEÃO CONTINENTAL

Flamengo, Vasco da Gama, Corinthians, São Paulo, os argentinos Bocas Juniors e River Plate, e os uruguaios Nacional e Cerro combinaram uma grande disputa, com jogos no Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires e Montevidéu. Foi o octogonal Torneio Internacional de Verão.

Os rubro-negros estrearam, em 4 de janeiro de 1961, vencendo os corintianos, por 2 x 1, no Pacaembu. No primeiro minuto da partida, Dida balançou a rede e avisou que queria mais uma taça. O time ainda era quase o mesmo da virada da década-1950 para a 1960, mas já contando com uma grande dupla de meio-campistas, formada por Carlinhos “Violino” e Gérson de Oliveira Nunes, o “Papagaio”.

No segundo jogo, mais um time paulista foi batido, o São Paulo, por 3 x 2, no Maracanã, com Dida comparecendo ao filó, aos 55 minutos. No terceiro, ele não marcou e a rapaziada caiu, por 0 x 1, ante os vascaínos. A recuperação foi no Fla 1 x 0 River Plate, na casa deste, o chamado Estádio de Nuñez, em Buenos Aires e sem Dida em campo. Ele voltou na partida seguinte, entrando no decorrer dos 0 x 4 Boca Juniors, em La Bombonera, também na capital argentina.

Mesmo com duas derrotas, o balanço dos placares davam chances ao Flamengo de voltar campeão, caso vencesse os dois últimos compromissos. O que aconteceu: em 22 de janeiro, saiu do Estádio Centenário, na capital uruguaia, 1 x 0 Nacional, mas chorando a expulsão de campo do seu artilheiro Dida, aos 35 minutos. Três dias depois, colocaria medalhas

no peito, em caso de vitória sobre o Cerro. Com dois gols de Gérson, a taça foi conquistada, sem Dida atuando, mas mesmo assim, sendo alvo de uma grande confusão.

Ao final da partida, os jogadores locais cercaram o árbitro argentino Norberto Angel Coerezza, alegando que haviam sido ludibriados pelos flamenguistas, que teriam mandado Dida ao gramado, substituindo Othon e fazendo-o passar-se por Manuelzinho. O Cerro, inconformado pelos 2 x 0 sofridos em casa, encaminhou a queixa à organização do torneio, mas não conseguiu provar nada. E Dida voltou ao Rio de Janeiro com mais um título no currículo.

TORNEIO RIO-SÃO PAULO-1961

Esta disputa foi a mais importante do país, entre 1950 e 1966. Iniciada, em 1933, não terminou, por motivos políticos, em 1934, e ficou sem disputas, em dois períodos: de 1935 a 1939, e de 1941 e 1949. No meio da irregularidade, até 1956, anotava-se três títulos corintianos, dois palmeirenses (em 1933, ainda era Palestra Itália), dois da Portuguesas de Desportos e um (sem efeito), do São Paulo, em 1956, por ter sido disputado só contra paulistas.

O primeiro carioca campeão daquele interestadual foi o Fluminense, em 1957, seguido pelo Vasco da Gama, em 1958, e voltando a ganhar, em 1960. Em 1959, o Santos, já com Pelé, furou o cerco. Finalmente, em 1961, foi a vez do Flamengo conquistar o seu primeiro título nacional e único na competição, que passou a incluir equipes de outros estados, entre 1967 e 1970, servindo de embrião para o atual Campeonato Brasileiro, em 1971 – o Rio-São Paulo voltou, em 1993, parou, no ano seguinte, voltou em 1997, e teve prosseguimento normal até 2002, quando o final dessa história foi escrita.

CAMPANHA - O Torneio Rio-São Paulo de 1961 – 13ª edição – teve duas etapas, a inicial com os times separados por dois grupos de seus estados. Todos enfrentaram todos e os três melhores de cada série foram a uma fase final, novamente, com todos contra todos.

O Flamengo ficou em terceiro lugar no Grupo B da seletiva, com cinco vitórias – 2 x 1 São Paulo; 3 x 2 Palmeiras; 2 x 0

Portuguesa de Desportos; 2 x 1 América-RJ; 2 x 1 Vasco da Gama– e quatro derrotas – 1 x 7 Santos; 0 x 2 Fluminense; 0 x 3 Botafogo; 0 x 3 Corinthians, marcando 12 e sofrendo 20 gols, ficando atrás de Botafogo e Vasco, com um saldo negativo de oito tentos e 55,5% de aproveitamento.

O futuro do time, inicialmente, não deixava nenhum indicativo de título, principalmente devido a goleada sofrida ante os santistas. Mas tudo mudou, completamente, na fase decisiva. A turma devolveu a goleada ao Santos, mandando 5 x 1, sem Pelé em campo, após 3 x 1 Palmeiras, para fechar a conquista, com 2 x 0 Corinthians, em 23 de abril.

O paraguaio Fleitas Solich era o comandante da equipe, que teve esta formação no jogo do título: Ari, Joubert e Bolero: Jadir e Jordan; Carlinhos e Gérson; Joel Martins (Othon), Henrique, Dida (Norival) e Germano. Com oito gols, Dida foi o principal artilheiro do time campeão, visitando as redes diante de São Paulo (1), Palmeiras (3), Portuguesa de Desportos (1), Santos (2) e Corinthians (1) – marcou um a menos do que os santistas Coutinho e Pele, os ponteiros as artilharia.

ÚLTIMAS TAÇAS

Em 1962, Dida foi buscar mais uma taça para os rubro-negros. Durante o Torneio Triangular da Tunísia, vencendo o Stade Soussien e o Stade Tunis, respectivamente, por 4 x 1 e 3 x 0, nos dias 16 e 17 de junho, no Estádio Municipal de Túnis, a capital tunisiana.

A delegação não trouxe todos detalhes do primeiro jogo, deixando o torcedor sem saber o autor dos gols, o número de presentes e o nome do árbitro. Informou, porém, ter Dida marcado um dos tentos da segunda partida e o time atuado com uma mesma formação da anterior: Mauro, Joubert e Vanderlei; Décio Crespo e Jordan; Carlinhos e Nelsinho Rosa; Joel Martins, Henrique, Dida e Miranda.

Por fim, Dida ajudou o Flamengo ser o campeão carioca-1963, sob o comando do técnico Flávio Costa, em competição de dois turnos, envolvendo 13 times, no esquema todos contra todos. A temporada teve a dupla Fla-Flu disputando o título rodada a rodada. O bicampeão estadual Botafogo havia negociado Amarildo, com o italiano Milan, e via Mané Garrincha padecendo com as lesões.

Em 15 de dezembro, com o recorde, de 177.020 pagantes, os rubro-negros jogavam pelo empate e, por 0 x 0, sob o apito de Cláudio Magalhães, saíram do Maracanã com as faixas no peito.

Para chegar ao título que o clube não conquistava há oito temporadas, Flávio Costa precisou renovar o grupo, mantendo da equipe do tri-1953/54/55 Joubert, Jordan e Dida. Este

começou como titular, formando no ataque com Espanhol, Aírton “Beleza”, Geraldo e Osvaldo “Ponte Aérea”, mas perdeu a vaga de titular nos sete jogos finais, bem como de sair na foto do time campeão, que posou mostrando: Marcial, Murilo, Luís Carlos Gaúcho”, Ananias, Carlinhos e Paulo Henrique, Espanhol, Nelsinho, Aírton Geraldo e Osvaldo.

Dos 24 jogos disputados – 17 vitórias, cinco empates, duas derrotas, 46 gols marcando 46 e 17 levados – saldo de 29 –, Dida participou de 13 e movimentou o placar em quatro deles, diante de Portuguesa-RJ, Madureira (2) e Bangu.

SEIS NA CAÇAPA

Dida, ao lado de Nélson Amorim Magalhães, em Flamengo 16 x 2 River, pelo Campeonato Carioca (14.05.1933), na Rua General Severiano; Alfredo Willemsens, em Flamengo 8 x 2 Estrela do Norte (25.06.1936), amistosamente, em Cacheiro do Itapemirim-ES; Leônidas da Silva, em Flamengo 9 x 0 Portuguesa de Desportos (04.09. 1940), no Pacaembu-SP, pelo Torneio Rio-São Paulo, e Zico (Arthur Antunes Coimbra), em Flamengo 7 x 1 Goytacaz (29.03.1979), pelo Estadual, no Maracanã, faz parte de uma galeria difícil de ser aumentada: a dos autores de seis gols rubro-negros em uma só partida – os dele saíram em 24 de agosto de 1958, durante o jogo 1.661 da história flamenguista, no Maracanã, pelo Campeonato Carioca.

Por tal critério, Dida só fica atrás de Durval Coreia Nunes, seu conterrâneo alagoano, também nascido em Maceió (04.08.1925) e que esteve flamenguista, entre 1948 e 1951, disputando 130 jogos e marcando 120 gols (média de 0,95), em 73 vitórias, 25 empates e 32 derrotas, o que lhe faz de 13º maior artilheiro em vermelho e preto.

No dia em que Dida tornou-se “hexamatador”, em Flamengo 8 x 0 Olaria, o “match” foi apitado por José Gomes Sobrinho, com os seus gols saindo aos 9, 50, 51, 75, 77 e 85 minutos, e o time tendo: Fernando Joubert, Tomires, Jadir, Milton Compolilo, Ailton, Joel, Moacir, Henrique, Dida e Babá. Dessa rapaziada, Joel e Moacir haviam voltado da Suécia, junto com ele, trazendo a Taça Jules Rimet.

Até chegar àquele recorde, Dida havia estreado nas redes,

como rubro-negro, em 20 de março de 1955, durante jogo 1.450 do Flamengo, nos 5 x 1 Goytacaz, amistosamente, em Campos-RJ, comemorando aos 72 e aos 79 minutos, após substituir Evaristo de Macedo – Garcia, Tomires e Pavão; Jadir, Servílio e Luís Roberto; Paulinho, Duca (Vermelho), Henrique, Evaristo (Dida) e Zagallo foi a equipe. Em 25 de setembro da mesma temporada, nos 5 x 0 Olaria, marcou mais dois, os primeiros oficiais, valendo pelo Estadual, na Rua Bariri – Aníbal, Tomires e Pavão; Servílio, Dequinha e Jordan; Joel, Paulinho, Evaristo, Dida e Zagallo – jogo Fla 1484.

Artilheiro apresentado, Dida foi escrevendo uma história com números impressionantes, as vezes deixando quatro, outras tantas três tentos no placar. Confira:

4 gols – Flamengo 5 x 2 Canto do Rio (30.11.1955), Estadual, no Estádio Martins, em Niterói; Flamengo 4 x 1 América-RJ (04.04.1956), Estadual, no Maracanã e Flamengo 9 x 0 Combinado de Umea-SUE (29.05.1956), amistoso, em Umea-SUE.

O GRANDE PARCEIRO



Quando sagrou-se tricampeão carioca-1953/54/55, o Flamengo formou ataques com temendo poder de fogo – Joel, Rubens, Índio, Benitez e Esquerdinha, primeiramente. No bi, Zagallo barrou Esquerdinha, e no tri foi Joel, Paulinho, Índio, Evaristo (Dida) e Zagallo. Dos demais homens durante

a última conquista, só Rubens (6), Duca (5), Esquerdinha (2), Babá (2), Ari (1) e Milton Bororó (1) conseguiram jogar. Não dava mesmo para o aspirante Henrique nem sonhar com briga por vaga naquelas duas últimas formações.

Chegado à Gávea, em 1954, o garoto Henrique Frade, nascido na mineira Formiga – 3 de agosto de 1934 – sabia que, aos 20 anos de idade, teria de esquentar muito o banco dos reservas para ganhar a primeira chance no time de cima. Precisou que o Flamengo negociasse o passe de alguns astros, para se encaixar ao lado de Joel, Moacir, Dida e Babá. A grande chance surgiu em 15 de abril de 1956, quando os rubro-negros disputaram um amistoso, no Maracanã, com o Internacional-RS, valendo a Taça Embaixador Oswaldo Aranha.

Aos 15 minutos, o estreante Henrique avisou que chegava para ficar naquele time, marcando o seu primeiro gol pelo “Fla A”, que mandou 4 x 1 nos gaúchos. Começava, por ali, a nascer a dupla Henrique-Dida, a mais constante das que reuniram um mineiro e um alagoano – Ari, Tomires e Servílio; Jadir, Milton Compolillo (Luís Roberto) e Jordan; Joel, Rubens (Duca), Henrique (Benitez (Dida (Milton Bororó) e Zagallo (Babá) foi o primeiro Flamengo de Henrique, desconsiderando-se jogos como amador e aspirante.

A dupla Henrique-Dida esteve rubro-negra, de 1954 a 1963, tendo Henrique sido o dono da camisa 9 por 240 vitórias, 67 empates e 95 quedas –, saindo dessa história como o terceiro maior artilheiro flamenguista, ultrapassado só pelo parceiro Dida – 257 gols (364 jogos) – e Zico – 508 tentos (733 prélios).

Ficou assim a galeria de gols marcados por Henrique para

o Flamengo: 1954 – 8 jogos e 1 gol. 1955 – 23j e 10g; 1956 – 19j e 12g; 1957 -54 j e 46g; 1958 -62j e 26g; 1959 0 44j 33e g; 1960 – 69j e 26g; 1961 – 63j e 31g; 1962 – 63j e 28g; 1963 – 7j e 3g. Total 412 216

Íntimo das redes, durante o amistoso Flamengo 12 x 1 Sportklubenn Brann, em Bergen, na Noruega, em 17 de junho de 1956, Henrique marcou quatro gols. Campeão carioca-1954/1955/1963, ajudou o Flamengo a conquistar os torneios Internacional do Rio de Janeiro-1954 e Rio-São Paulo-1961, este o primeiro título nacional do clube. Por sinal, na última partida rubro-negra, vencendo ao Corinthians, por 2 x 0, foi dele o cruzamento para Dida liquidar o placar.

Naquela competição interestadual, em 1959, Henrique foi o principal goleador, com nove tentos, enquanto o Flamengo terminava em terceiro lugar. Por sinal, a temporada fora muito boa para ele. Excursionando ao Peru, a dupla com Dida voltou trazendo a taça do Torneio Hexagonal de Lima, tendo ele marcado quatro dos 14 tentos deixados pela equipe. O mais importante fora o da virada do placar da final, em 6 de fevereiro, pois o time peruano havia colocado gols de frente – 0 x 2 Peñarol-URU; 2 x 0 Universitário-PER; 4 x 2 Colo-Colo-CHI; 4 x 1 River Plate-ARG e 4 x 3 Alianza-PE foram os resultados.

As boas atuações e os gols marcados por Henrique em gramados peruanos repercutiram muito bem no Brasil, valendo-lhe as suas duas primeiras convocações para a Seleção Brasileira. Em 10 de março daquele 1959, ele estreou formando dupla de área com Pelé, nos 2 x 2 Peru, sem marcar gol. Valeu pelo

Campeonato Sul-Americano promovido pelos argentinos, no Estádio Monumental, em Buenos Aires. O treinador Vicente Feola escalou: Castilho; Paulinho de Almeida, Bellini, Orlando Peçanha e Nilton Santos (Coronel); Zito e Didi; Dorval, Henrique, Pelé e Zagallo.

Cinco dias depois, pela mesma formação, Henrique voltou a formar dupla ofensiva com o “Rei do Futebol”, em Brasil 3 x 0 Chile, no mesmo local, ainda sem balançar a rede e sendo substituído, no segundo tempo, por Paulinho Valentim.

Dois meses depois da disputa continental, novamente, Vicente Feola o convocou para o seu selecionado. E Henrique marcou o seu primeiro gol canarinho – aos 32 minutos –, diante de 120 mil pagantes, em Brasil 2 x 0 Inglaterra, no dia 13 de maio, no Maracanã – Gilmar; Djalma Santos, Bellini, Orlando Peçanha e Nilton Santos; Dino Sani e Didi; Julinho Botelho, Henrique, Pelé e Canhotoeiro foi a equipe.

A quarta e última partida de Henrique pelo escrete nacional foi em 29 de junho de 1961, também no Maracanã, amistosa e de forme muito comum para o torcedor rubro-negro: formando dupla fatal com Dida, em Brasil 3 x 2 Paraguai, quando o velho parceiro balançou a rede, aos 63, e ele, aos 72 minutos – Gilmar; Djalma Santos, Waldemar, Jadir (Alde-mar) e Ari Clemente; Zequinha e Chinesinho; Joel Martins, Henrique, Dida e Babá foi a formação do treinador Aymoré Moreira, que armou um ataque totalmente flamenguista, aplaudido por 45 mil pagantes.

A dupla Henrique-Dida poderia ter ido à Copa do Mundo-1958, na Suécia, mas o treinador Vicente Feola preferiu

levar Mazzolla, do Palmeiras, e Vavá, do Vasco da Gama.

Em 1963, durante uma excursão do Flamengo ao Uruguai, os dirigentes do Nacional, de Montevideu, gostaram muito do futebol de Henrique e o levaram, por empréstimo, para ajudá-los a conquistar o campeonato nacional da temporada. Foi a primeira separação da dupla com Dida.

Em 1964, Henrique voltou à Gávea e, junto com o amigo alagoano, foi para a Portuguesa de Desportos, que era treinada por Aymoré Moreira, o comandante da seleção canarinha do bicampeonato mundial, em 1962, no Chile. A dupla poderia ter sido palmeirense ou corintiana, pois havia interesse nela de alviverdes e alvinegros paulistanos. A Lusa do Canindé, no entanto, foi mais rápida e ofereceu Cr\$ 30 milhões de cruzeiros ao Flamengo, transação financeira espetacular para o futebol brasileiro da época.

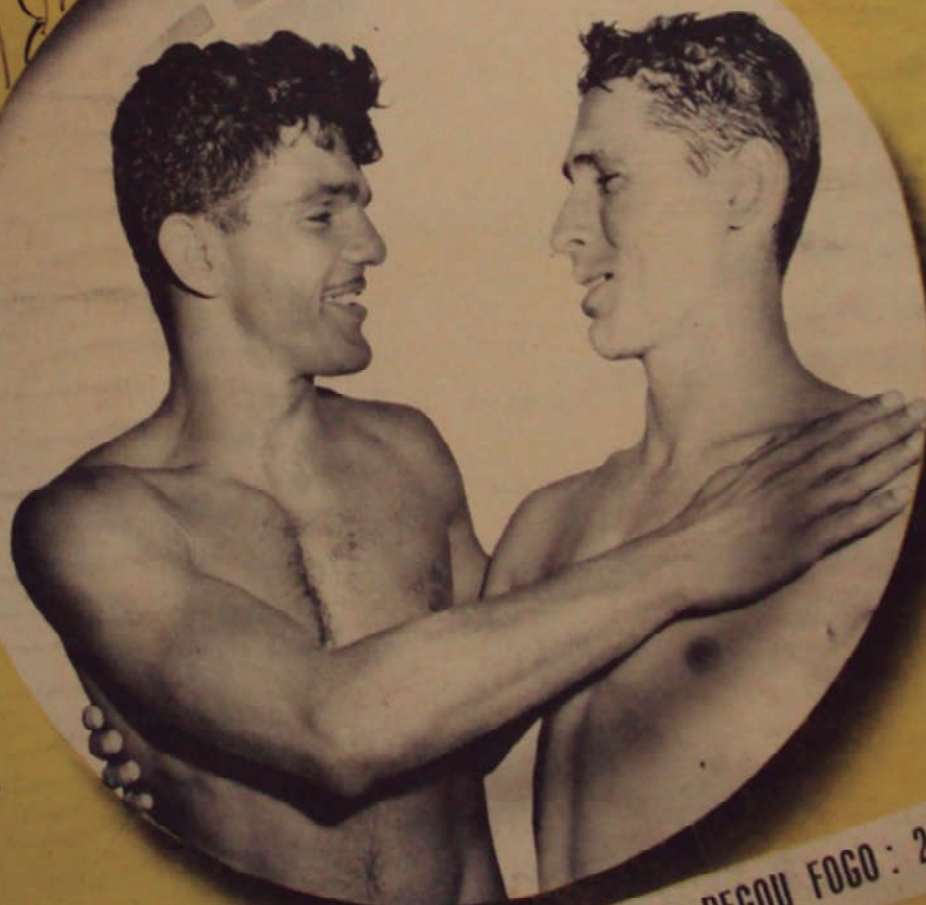
Em 1965, Henrique esteve emprestado ao Atlético-MG. No ano seguinte voltou a Portuguesa e, em 1967, foi encerrar a carreira de atleta defendendo o Formiga Esporte Clube, de sua terra. Por lá, iniciou-se como treinador e, pelas Minas Gerais, conquistou o seu primeiro título da nova carreira, em 1971, de campeão estadual, dirigindo o América, que saiu da disputa invicto, com 14 vitórias, seis empates e 34 bolas nas redes, além de ter feito o meia-atacante Jair Bala o principal artilheiro do certame – 14 gols.

A partir de 1997, Henrique começou a ter problemas com a sua locomoção, resultado de fratura mal calcificada, em uma de suas pernas. Viveu até 15 de maio de 2004.

Manchete Esportiva

N.º 163 - RIO DE

JANEIRO, 3 DE JANEIRO DE 1959 - CRS 12.00



FLAMENGO PEGOU FOGO: 2 x 1

